

## XXII

## O BONUS-HORA

Notando que a senhora Laura entristecera subitamente ao recordar o marido, modifiquei o rumo da palestra, interrogando:

— Que me diz do bonus-hora? Trata-se de algum metal amoedado?

Minha interlocutora perdeu o aspecto cismarento, a que se recolhera, e replicou atenciosa:

— Não é propriamente moeda, mas ficha de serviço individual, funcionando como valor aquisitivo.

— Aquisitivo? — perguntei abruptamente.

— Explíco-me — respondeu a bondosa senhora — em "Nosso Lar" a produção de vestuário e alimentação elementares pertence a todos em comum. Ha serviços centrais de distribuição na Governadoria e departamentos do mesmo trabalho nos Ministérios. O celeiro fundamental é propriedade coletiva.

Ante meu gesto silencioso de espanto, acentuou:

— Todos cooperam no engrandecimento do patrimônio comum e dele vivem. Os que trabalham, porém, adquirem direitos justos. Cada habitante de "Nosso Lar" recebe provisões de pão e roupa, no que se refere ao estritamente necessário; mas os que se esforçem na obtenção do bonus-hora conseguem certas prerrogativas na comunidade social. O espírito, que ainda não trabalha, poderá ser abrigado aqui; no entanto, os que cooperam podem ter casa própria. O ocioso vestirá, sem dúvida; mas o operário dedicado vestirá o que melhor lhe

pareça; compreendeu? Os inativos podem permanecer nos campos de repouso, ou nos parques de tratamento, favorecidos pela intercessão de amigos; entretanto, as almas operosas conquistam o bonus-hora e podem gozar a companhia de irmãos queridos, nos lugares consagrados ao entretenimento ou o contacto de orientadores sábios, nas diversas escolas dos Ministérios em geral. Precisamos conhecer o preço de cada nota de melhoria e elevação. Cada um de nós, os que trabalhamos, deve dar, no mínimo, oito horas de serviço útil, nas vinte e quatro de que o dia se constitui. Os programas de trabalho, porém, são numerosos e a Governadoria permite quatro horas de esforço extraordinário, aos que desejem colaborar no trabalho comum, de boa vontade. Desse modo, há muita gente que consegue setenta e dois bonus-hora, por semana, sem falar dos serviços sacrificiais, cuja remuneração é duplicada e, às vezes, triplicada.

— Mas, é esse o único título de remuneração? — perguntou.

— Sim, é o padrão de pagamento a todos os colaboradores da colônia, não só na administração, como na obediência.

Lembro as organizações terrestres, indaguei espantado:

— Todavia, como conciliar semelhante padrão com a natureza do serviço? O administrador ganhará oito bonus-hora na atividade normal do dia, e o operário do transporte receberá a mesma cousa? Não é o trabalho do primeiro mais elevado que o do segundo?

A senhora sorriu à pergunta e explicou:

— Tudo é relativo. Se, na orientação ou na subalternidade, o trabalho é de sacrifício pessoal, a expressão remunerativa é justamente multiplicada. Examinando, porém, mais detidamente a sua pergunta, precisamos, antes de mais nada, esquecer determinados prejuízos da Terra. A natureza do serviço é problema dos mais importantes; contudo, na propria esfera da crosta, é que o assunto apresenta solução mais difícil. A maioria dos homens encarnados está simplesmente ensaiando o espírito de serviço e aprendendo a trabalhar nos diversos

setores da vida humana. Por isso mesmo, é imprescindível fixar as remunerações terrestres com maior atenção. Todo o ganho externo do mundo é lucro transitório. Vemos trabalhadores obsidiados pela questão de ganhar, transmitindo fortunas vultosas à inconsciência e à dissipaçāo; outros amontoam expressões bancárias que lhes servem de martírio pessoal e de ruina à família. Por outro lado, é indispensável considerar que setenta por cento dos administradores terrenos não pesam os deveres morais que lhes competem, e que a mesma percentagem pode ser adjudicada a quantos foram chamados à subordinação. Vivem, quasi todos, a confessar ausência do impulso vocacional, recebendo embora os proveitos comuns aos cargos que ocupam. Governos e empresas pagam a médicos que se entregam à exploração de interesses outros e a operários que matam o tempo. Onde, afi, a natureza do serviço? Ha técnicos de industria económica, que nunca prezaram integralmente a obrigação que lhes assiste e valem-se de leis magnanimas, à maneira de mósicas venenosas no pão sagrado, exigindo abonos, facilidades e aposentadorias. Creia, porém, que todos pagariam mui caro à displicênciā. Parece ainda distante o tempo em que os institutos sociais poderão determinar a qualidade de serviço dos homens, porque, para o plano espiritual superior, não se especificará teor de trabalho, sem a consideração dos valores morais dispensados.

Essas palavras despertavam-me para concepções novas. Percebendo-me a sede de instrução, a interlocutora continuou:

— O verdadeiro ganho da criatura é de natureza espiritual e o bonus-hora, em nossa organização, modifica-se em valor substancial, segundo a natureza dos nossos serviços. No Ministerio da Regeneração, temos o Bonus-Hora-Regeneração, no Ministerio do Esclarecimento, o Bonus-Hora-Esclarecimento, e assim por diante. ora, examinando o proveniente espiritual, é razoável que a documentação de trabalho revele a essencia do serviço. As aquisições fundamentais constituem-se de experiência: educação, enriquecimento de bençāos divinas, extensão

de possibilidades. Nesse prisma, os fatores assiduidade e dedicação representam, aqui, quase tudo. Em geral, em nossa cidade de transição, a maioria prepara-se com vistas à necessidade de regresso aos círculos carnais. Examinando esse princípio, é natural que o homem que empregou cinco mil horas em serviços regeneradores, tenha efetuado esforço sublime, a benefício de si mesmo; o que dispender seis mil horas de atividade no Ministerio do Esclarecimento, estará mais sabio. Poderemos gastar os bonus-horas conquistados; entretanto, é mais valioso ainda o registo individual da contagem de tempo de serviço útil, que nos confere direito a preciosos títulos.

Semelhantes instruções interessavam-me profundamente.

— Poderemos, porém, gastar nossos bonus-hora a favor dos amigos? — indaguei curioso.

— Perfectamente — disse ela — poderemos repartir as bençāos de nosso esforço com quem nos aprovou. Isto é direito inalienável do trabalhador fiel. Contam-se por milhares as pessoas favorecidas em "Nosso Lar", pela movimentação da amizade e do estímulo fraternal.

A essa altura, a progenitora de Lírias sorriu e observou:

— Quanto maior a contagem do nosso tempo de trabalho, maiores intercessões podemos fazer. Compreendemos, aqui, que nada existe sem preço e que para receber é indispensável dar alguma coisa. Pedir, portanto, é ocorrência muito significativa na existência de cada um. Sómente poderá rogar providências e dispensar obsequios os portadores de títulos adequados, entendeu?

— E o problema da herança? — inqueri de repente.

— Não temos aqui demasiadas complicações — respondeu a senhora Laura sorrindo. Vejamos, por exemplo, o meu caso. Aproxima-se o tempo do meu regresso aos planos da crosta. Tenho comigo três mil Bonus-Hora-Auxílio, no meu quadro de economia pessoal. Não posso legá-los a minha filha que está a chegar, porque esses valores serão revertidos ao patrimônio comum, permanecendo minha família apenas com o direito de ha-

ranga no lar; no entanto, minha fieha de servigo autoriza-me a interceder por ela, organizando-lhe aqui trabalho e concurso amigo, assegurando-me, igualmente, o valioso auxilio das organizações de nossa colonia espiritual, durante minha permanencia nos circulos carnais. Nesse cômputo, deixo de referir-me ao lucro maravilhoso que adquiri no capitulo da experiença, nos anos de cooperagão no Ministerio do Auxilio. Volto á Terra, investida de valores mais altos e demonstrando qualidades mais nobres de preparação ao exito desejado.

La prorromper em exclamações admirativas, referentes ao processo simples de ganhar, aproveitar, cooperar e servir, confrontando aquelas soluções com os principios imperantes no planeta, mas um vozerio brando aproximou-se da casa. Antes que pudesse emitir qualquer observação, a senhora Laura murmurou satisfeita:

— Nossos queridos estão de volta.

E levantou-se para atender.

### XXIII

#### SABER OUVIR

Intimamente, lamentei a interrupção da palestra. Os esclarecimentos da senhora Laura fortaleciam-me o coração.

Líslas entrou em casa visivelmente satisfeita.

— Olá! ainda não se recolheu? — perguntou sorridente.

E, enquanto os jovens se despediam, convidava-me solícito:

— Venha ao jardim, pois ainda não viu o luar destes sitios.

A dona da casa entrava em conversação com as filhas, enquanto acompanhando Líslas nos fomos aos canteros em flor.

O espetaculo apresentava-se-me soberbo! Habitulado à reclusão hospitalar, entre grandes árvores, ainda não conhecia o quadro maravilhoso que a noite clara apresentava, ali, nos vastos quartelões do Ministerio do Auxilio. Glicinias de prodigiosa beleza enfeitavam a paisagem. Lírios de neve, matizados de ligeiro azul ao fundo do cálice, pareciam taças vivas, de carieoso aroma. Respirei a longos haustos, sentindo que ondas de energia nova me penetravam o sér. Ao longe, as torres da Governadoria mostravam belos efeitos de lux. Deslumbrado, não conseguia emitir impressões. Esforçando-me para exteriorizar a admiração que me invadia a alma, falei comovidamente: